



# Da “pedagogia das pedras” à “pedagogia da vida”

From “pedagogy of stones” to “pedagogy of life”

*Elvis Rezende Messias\**

UEMG

*Jean Poul Hansen\*\**

FACAPA

Recebido em: 30/09/2021. Aceito em: 04/11/2021.

**Resumo:** O presente ensaio objetiva reverberar desafios a partir das provocações pedagógicas de Jesus relatadas em Jo 8, 1-11, à luz das reflexões presentes no Texto-Base da Campanha da Fraternidade (CF) de 2022, cujo tema é Fraternidade e Educação. O que está em jogo não é uma análise exegética da perícopes bíblica ou do Texto-Base da CF, nem uma exposição exaustiva dos seus detalhes. A pretensão é mais simples, mas não menos importante, pois se gerar o desejo de ida aos próprios textos aqui tomados como referência, se contribuir para problematizar o fenômeno educacional em seus fundamentos antropológicos para compreender a pedagogia como mistagogia e, quiçá, inspirar

\* Doutorando em Educação (Universidade Nove de Julho – UNINOVE, São Paulo, SP, 2021). Mestre em Educação (Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL, Alfenas, MG, 2016). Licenciado em Filosofia (Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG/FCCP, Campanha, MG, 2012). Especialista em Filosofia (Centro Universitário Claretiano – CEUCLAR, Batatais, SP, 2014). Bacharelado em Teologia (Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande, MS, 2018). Especialização em andamento em Doutrina Social da Igreja (Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO, Goiânia, GO, 2020). Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG Campanha).

E-mail: elvismessias.prof@gmail.com.

\*\* Mestre em Teologia Dogmática (Universidad Pontificia de Salamanca – Espanha, 2014). Especialista em Origens do Cristianismo (Estúdio Teológico Agostiniano de Valladolid – Espanha, 2013). Especialização em andamento em Doutrina Social da Igreja (Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO, Goiânia, GO, 2020). Bacharel em Teologia (Instituto Teológico Arquidiocesano Santo Antônio – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, MG, 2004). Bacharel em Filosofia (Instituto São Bento de Filosofia – Mosteiro São Bento de São Paulo, SP, 1997). Docente na Faculdade Católica de Pouso Alegre (FACAPA), MG.

E-mail: hpj76@hotmail.com.





*práticas pedagógicas de vida, então esse artigo terá alcançado seu objetivo. Na verdade, o texto a ser lido aqui é o da ação pedagógica de Jesus e os efeitos de sua pedagogia-mistagogia na vida das pessoas com quem Ele se encontrou.*

**Palavras-chave:** *Campanha da Fraternidade. Educação. Jesus. Mistagogia. Pedagogia da vida.*

**Abstract:** *This essay aims to challenges from the provocations of Jesus present in John 8, 1-11, in the light of the reflections of the Basic-Text of the Fraternity Campaign (CF) of 2022, whose theme is Fraternity and Education. We will not make an exegetical analysis of the texts or an exhaustive exposition of their details. Our claim is simpler, but no less important. If it generates the desire to go to the texts referenced here, if it contributes to problematize the educational phenomenon in its anthropological foundations and to understand pedagogy as a mystagogy and inspire pedagogical practices in life, then this article will have achieved your goal. In fact, the text to be read here is the pedagogical action of Jesus and the effects of his pedagogy-mystagogy on the lives of the people He encountered.*

**Keywords:** *Fraternity Campaign. Education. Jesus. Mystagogy. Pedagogy of life.*

## 1 Introdução

O trabalho pedagógico é um trabalho mistagógico. O processo é o mesmo: conduzir, levar pela mão, acompanhar (do verbo grego “*águein*”: ἄγειν). Mas o destino é outro: *o pedagogo* (“*paidagoguéis*”: παιδαγωγεύς) conduz a criança (“*páis*”: παῖς) ao saber, ao conhecimento, à beleza, à arte, ao prazer, ao esporte, à leitura etc., isto é, à “*paideia*” (παιδεία); mas *o mistagogo* (“*mistagoguéis*”: μυσταγωγεύς) conduz, inicia aos mistérios (ao “*mys*”: μυσ), àquilo que nos ultrapassa e que não é acessível aos nossos olhos ou aos nossos sentidos, mas como afirma Antoine de Saint-Exupéry, “[...] só se vê bem com o coração”<sup>1</sup>.

Partimos aqui de uma noção de “mistério” que não se refere apenas à absoluta incognoscibilidade e incompreensão sobre algo, mas, em perspectiva teológica atual, à ideia de profundidade inacabável, de fonte inesgotável de verdade reveladora que potencializa nosso próprio ser contemplativo (e ativo) no ato de contemplar o mistério, possibilitando uma nova percepção da vida. Tal como na perspectiva do mistério do próprio Deus, aceitamos o enunciado

<sup>1</sup> SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. Tradução de Dom Marcos Barbosa. 1. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2016. p. 90.



*de presença transbordante e de total proximidade em sua realidade transcendente. [...] É certo que o núcleo do mistério fica sempre fora do alcance da inteligência humana, porém não é menos verdade que nos concerne intimamente e opera em nós, já que sua revelação vem esclarecer nosso próprio ser.<sup>2</sup>*

Por conseguinte, “mistagogia”, nesse ensaio, tem a perspectiva mais geral de uma “pedagogia da fé” que remete o ser humano ao próprio mistério de sua pessoalidade, com a sacralidade inviolável, que não apenas tem em si, mas que é ele mesmo, com a transcendência intrínseca que lhe coloca em contato formativo indispensável com os outros e com o Outro. Assim, a mistagogia tem prerrogativa pedagógica, pois conduz o sujeito a um espaço ainda desconhecido de sua própria dignidade, da mesma forma que a pedagogia é chamada a assumir sua prerrogativa mistagógica, na medida em que pode auxiliar a pessoa, a não somente tomar consciência da grandeza de sua vocação humana e humanizadora, mas a viver sempre mais plenamente conforme sua dignidade inalienável e imperdível. Isto só se descobre, encontra e conhece numa “aventureira viagem” ao próprio interior e no encontro com a alteridade (com esta mesma realidade presente no mais íntimo do outro) sob a luz reveladora do grande Outro. “Senhor, fizeste-nos para Ti e inquieto está o nosso coração enquanto não repousar em Ti”<sup>3</sup>.

E, na perspectiva cristã, a descoberta de tão digno mistério humano e o aprofundamento nele, implica, especialmente, muito mais que uma decisão ética e uma especulação racional, mas o encontro com uma Pessoa que ressignifica, com seu jeito de ser, o horizonte de nossa própria pessoalidade (DCE4, 1)<sup>4</sup>. Mistagogia, nesse sentido, é já experiência do mistério, e não somente uma ideia sobre ele. Mistagogia é dialógica, é vital, implicando consciência e envolvimento consciente da vida da pessoa como um todo na dinâmica mistagógica-pedagógica.

<sup>2</sup> PIKAZA, Xabier. SILANES, Nereo. *Dicionário teológico: o Deus cristão*. Tradução de I. F. L. Ferreira, Honório Dalbosco e equipe. São Paulo: Paulus, 1988. p. 841. (Série Dicionários).

<sup>3</sup> AGOSTINHO DE HIPONA. *Confissões*, I, 1, 1. Tradução Maria Luiza J. Amarante. São Paulo: Paulus, 1997.

<sup>4</sup> BENTO XVI. Carta encíclica *Deus caritas est*, sobre o amor cristão (25 dez. 2005). Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html). Acesso em: 28 set. 2021.

<sup>5</sup> Em eventuais citações de documentos da Igreja optamos por inserir a sigla do documento e o seu número citado no próprio corpo do artigo.



Assim sendo, não basta simplesmente educar para um modelo específico de sociedade ou para o mercado de trabalho, nem mesmo para a cidadania, pois se deve considerar a profunda dignidade e o mistério que envolve a pessoa humana em formação. Caso contrário, mesmo o projeto pedagógico mais bem intencionado pode não cumprir o seu papel de formação integral e, então, terminar ensinando tolices, naturalizando desigualdades, supervalorizando partes em detrimento do todo, incitando à competitividade predatória, reproduzindo injustiças. O que é educar? Educar por quê? Educar para quê? Educar para quem? O tema da Campanha da Fraternidade (CF) de 2022 é um forte convite à reflexão sobre os fundamentos da educação.

Tendo sido já trabalhado em outras duas edições, 1982 e 1998, *fraternidade e educação* volta a ser tema da CF em 2022. Logo na introdução do *Texto-base* (TB)<sup>6</sup>, a presidência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) afirma a necessidade de nos educarmos “[...] para a redescoberta das motivações mais profundas ao ato de educar” e que “[...] essa é a razão pela qual, em 2022, mais do que abordar um ou outro aspecto específico da problemática educacional, a Campanha da Fraternidade nos convoca a refletir sobre os fundamentos do ato de educar”<sup>7</sup>. Sendo o tempo quaresmal um momento propício para a revisão de vida, para o exercício autorreflexivo e para a reflexão crítica de nosso entorno contextual, e sendo o ser humano uma realidade marcadamente educativa, a CF-2022 oferece uma ocasião singular de “discernimento dos motivos” e para “alargar o horizonte de nossa compreensão a respeito da educação”<sup>8</sup>, compreendida para além do âmbito estritamente escolar formal, mas situado num âmbito comunitário-global, como ensina o Papa Francisco na sua proposta de um novo Pacto Educativo Global: “[...] para educar uma criança é preciso uma aldeia inteira”<sup>9</sup>.

O modelo de educador apresentado é Jesus e a base para a compreensão dos fundamentos da educação está no seu próprio agir. Na pedagogia de Jesus há uma irrenunciável mistagogia: Ele “conduz ao mistério”

<sup>6</sup> AZEVEDO, Walmor Oliveira de *et al.* Apresentação. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Campanha da Fraternidade 2022: texto-base*. Brasília: Edições CNBB, 2021.

<sup>7</sup> AZEVEDO *et al.*, 2021, p. 8.

<sup>8</sup> AZEVEDO *et al.*, 2021, p. 8.

<sup>9</sup> FRANCISCO. *Pacto educativo global: instrumentum laboris*. Disponível em: <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/instrumentum-laboris-pt.pdf>. Acesso em: 28 set. 2021.



de si mesmo cada ser humano – “Só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem” (GS<sup>10</sup>, 22) –, desnuda as “mazelas do mundo”, oferece aprendizados que não se alojam apenas na cabeça, tem na dinamicidade da vida um grande livro didático, capaz de apresentar um conteúdo de ensino que não é somente recebido passivamente pelo interlocutor/estudante, mas construído de modo dialogal e também de modo dialético. Confrontando pretensas verdades, Jesus possibilita a cada pessoa envolvida em sua aula um *encontro*... Um encontro consigo, um encontro com o outro, um encontro com a realidade social e sua cultura, um encontro com Deus, desfragmentando, “des-ensinando” tolices, despertando curiosidades e conscientização, promovendo comunhão, oportunizando formação integral.

Assim, o estudante torna-se capaz de fazer algo por si. Conduzido pedagogicamente ao mistério das coisas, há uma descoberta perene do sentido dessas coisas e uma vivência fecunda da vocação humana ao humano, à humanização, à personalização... Já não se trata mais de “alunos”, mas de pessoas: “[...] não algo, mas alguém” (CAT<sup>11</sup>, 357; CDSI<sup>12</sup>, 108), com uma dignidade profunda, ontologicamente imperdível e sempre em desenvolvimento, aberta à relação com os outros, mas uma relação consciente e crítica, que não aceita processos de subalternização e reducionismo humano. Não cabem ingenuidades: há “educações” que nos educam a “ser menos”, há “educações” que nos educam a “ser mais”<sup>13</sup>. A educação é fenômeno complexo e ambíguo, pensar seus fundamentos é tarefa constante, e a CF-2022 oportuniza isso.

## 2 Uma educação que salva ou uma educação que condena?

*Mestre, esta mulher foi flagrada em adultério. Moisés, na Lei, nos mandou apedrejar tais mulheres. E tu, o que dizes? (Jo 8,4-5)*

<sup>10</sup> VATICANO II. *Gaudium et Spes*: constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html). Acesso em: 28 set. 2021.

<sup>11</sup> SANTA SÉ. *Catecismo da Igreja Católica*. Edição típica vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

<sup>12</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da doutrina social da Igreja*. Tradução da CNBB. São Paulo: Paulinas, 2005.

<sup>13</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 75. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020. p. 40-41.



Muitas pessoas acreditam que “a salvação de um país está na educação”. Que tipo de salvação? Qual tipo de educação? Uma educação que salva o quê?

O texto bíblico que oferece o itinerário pedagógico-mistagógico da CF-2022 é o que se encontra no evangelho de João, capítulo 8, versículos 1 a 11 (Jo 8,1-11). É uma história conhecida e, talvez por isso, até banalizada. Uma mulher é apresentada a Jesus por escribas e fariseus que diziam ter sido pega em flagrante adultério, impondo a Jesus uma cilada moralista, com o intuito de “ter motivo” para acusá-lo de desrespeito à moral e aos bons costumes da religiosidade de que eles próprios se julgavam defensores. O que eles queriam “salvar” que justificava aquele “comportamento condenatório” e infamante com uma mulher? Eles queriam “salvar” ou “condenar”? Para “salvar” algo é justo e necessário “condenar” alguém? Que pressa era aquela por encontrar “infiéis” e “blasfemos” para condenar, “hereges” para excomungar? Não estariam eles levantando uma “cortina de fumaça” que escondesse suas próprias mazelas tão ou mais condenáveis? Que “educação” receberam que os ensinou a agir assim e a não se espantarem com a ordem de apedrejamento de uma pessoa? Que “educação” receberam que os formou numa escola que degrada e inferioriza a dignidade das pessoas por critérios de gênero? Onde estava o homem que também supostamente adulterou com aquela mulher? Por que apenas ela foi apresentada? Por que pedras somente para ela? Aliás, por que pedras? Que “educação” apedrejadora era aquela que receberam nas “escolas confessionais” que frequentaram? Que educação é esta que ensina a “jogar pedras”?

A atitude pedagógica de Jesus também foi estonteante, mas de modo diferente. Diante dos fariseus famintos por apedrejar, a indignação de Jesus é de outro nível: Ele não cai na contradição de se esquecer da dignidade também ontológica daqueles homens; Jesus não se esquece de que também eles são pessoas com uma dignidade inviolável e radicalmente imperdível; Jesus não combate aquela atitude desumana também com uma “pedagogia das pedras”, igualmente desumana, mas daquela situação apedrejadora encontra caminhos para uma lição pedagógica-mistagógica<sup>14</sup>. A sua pedagogia é abrangente e integral, envolve a todas as pessoas presentes e a cada pessoa no seu todo: aquela

<sup>14</sup> Para outras “leituras pedagógicas” que tomam as pedras como símbolo, ver: MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.



mulher descobre uma nova escola para a vida; o povo que já estava com Jesus antes do fato, ouvindo seu ensinamento, teve uma grande aula prática; os apóstolos tiveram um ótimo curso de especialização; e aqueles escribas e fariseus viveram uma singular oportunidade de formação humana e doutrinal. Ninguém saiu ileso da escola de Jesus e do seu projeto educacional. “Jesus não se encontra em uma sala de aula ou em atitude que demonstre ensino convencional. No entanto, mostra que educar é contribuir para a superação do pecado, preservando a vida, atingindo as consciências e transformando relações”<sup>15</sup>. Na ação de Jesus vemos um caminho educativo integral, de tal forma que humaniza, promove a vida, estabelece relações de proximidade, de justiça e de paz. “A educação é um indispensável serviço à vida” (TB, 6). E só é verdadeira educação quando se presta a esse serviço indispensável à vida.

Pesquisas e discussões no campo dos fundamentos antropológico-filosóficos da educação trazem importantes contribuições para uma necessária desmitificação do fazer educacional. É importante se perguntar sobre quais são as *imagens-ideais* de ser humano e de sociedade que dão sustentação aos mais variados projetos pedagógicos e sistemas educativos. E, conforme alerta a própria cena bíblica vista acima, há que se perguntar também sobre quais são as *imagens-ideais* de Deus que carregamos, de tal forma que não basta simplesmente dizer que é necessária uma “educação religiosa”, que tenha “Deus como fundamento”. Ora, uma determinada *imagem-ideal* de Deus era o fundamento da atitude “apedrejadora” daqueles “mestres da Lei”. Segundo reflete o *Texto-base*, “[...] pedras na mão, ódio no olhar, ouvidos surdos aos gritos por socorro e corações endurecidos. Assim era a disposição de escribas e fariseus naquele dramático acontecimento”. Todavia, “Jesus educador, (*sic*) entra naquela realidade conflitiva [...] procura escutar em silêncio o que dizem. Depois, em diálogo, conduz pedagogicamente todas as partes envolvidas para que sintam e reflitam sobre as fragilidades humanas, às quais todos estão sujeitos” (TB, 21).

Outra realidade é apresentada: Sua postura possibilita outra experiência pedagógica, marcadamente mistagógica: os presentes têm a oportunidade de uma nova visão da vida, do mistério da existência.

<sup>15</sup> AZEVEDO *et al.*, 2021, p. 9.



### 3 Educação e des-ensino: desaprender a “pedagogia das pedras”

*Quando todos aprendem a complexidade da própria situação em que estão envolvidos, as atitudes e a realidade se transformam. (TB, 21)*

Não podemos nos esquecer de que aqueles escribas e fariseus, que acabaram se tornando “mestres de pedras nas mãos”, aprenderam aquela “pedagogia das pedras”. Ou seja, eles passaram por algum processo formativo que os educou para aquela conduta. E isso também é “educação”. É comum que um determinado comportamento tido como não adequado para os padrões comportamentais de outro grupo seja considerado como uma “falta de educação”. Mas, na verdade, comportamentos se aprendem, se praticam, vão se tornando hábito na medida de sua repetição, de sua inculcação valorativa, de tal forma que nem toda educação é boa por si só.

A CF-2022 nos convida a refletir sobre os fundamentos da educação, como vimos<sup>16</sup>. Ora, a tarefa investigativa dos fundamentos (filosóficos, antropológicos, sociológicos, históricos e teológicos) da educação passa, em geral, pela necessidade desse exercício marcante do *des-ensino*. Ou seja, tal tarefa oportuniza *des-ensinar* tolices arraigadas, questionar o óbvio, desnaturalizar o que não é natural, desfatalizar mecanismos formativos que foram absolutizados, tornando uma realidade tão comum como é a educação um objeto acessível à reflexão crítica<sup>17</sup>.

Em se tratando, então, do ser humano, aquilo que é aprendido pode ser desaprendido, ressignificado, reorientado, posto que não somos seres de mero adestramento e, dada nossa condição ontológica de transcendência e abertura para sermos mais do que já conseguimos ser, não devemos ser reduzidos ao que já somos. E este deve ser um exercício constante em todos os âmbitos educativos. Também aqueles que tinham pedras nas mãos, aparentemente já encerrados naquela visão reduzida da vida, são vistos por Jesus como educandos, com possibilidade do novo. Na possibilidade de libertação daquela mulher pela “pedagogia integral” de Jesus, também aqueles que oprimem podem ser libertados de sua humanidade enrijecida, petrificada. A pedagogia integral de Jesus

<sup>16</sup> AZEVEDO *et al.*, 2021.

<sup>17</sup> MESSIAS, Elvis Rezende. Filosofia da Educação e dignidade integral da pessoa: questões fundamentais e diálogos interdisciplinares. In: MESSIAS, Elvis Rezende; DINIZ, Cássio (org.). *Dignidade humana e educação: contribuições interdisciplinares*. Porto Alegre: Fi, 2021. p. 58-90.



é uma “pedagogia da vida”, uma “pedagogia profética”, uma “pedagogia esperançosa”, cheia de futuro: “Tirarei de vosso corpo o coração de pedra e vos darei um coração de carne” (Ez 36, 26b).

É aqui que se justifica plenamente que a educação, em sua possibilidade de re-educação seja tema de mais uma CF em tempo de quaresma, cuja tônica principal é a conversão. Conversão e educação ou conversão e des-educação, ou ainda conversão e re-educação, têm tudo a ver. Assim, a quaresma é, de fato, o tempo propício para nos propormos uma profunda e comprometida revisão da educação que recebemos e daquela que praticamos.

Ainda que por vezes corra o risco de efetivar-se numa prática que sujeita pessoas e as desumaniza, na perspectiva do personalismo católico, “[...] educação não é condicionamento ou adestramento” (TB, 22). Ao contrário, na ótica da Igreja, educar é “conduzir e acompanhar a pessoa para sair do não saber, rumo à consciência de si mesma e do mundo em que vive” (TB, 22), é “[...] o movimento de saída que desperta para a grandeza de ser o que foi dado ser. [...] Despertar para o que já somos: pessoa humana”<sup>18</sup>.

A pedagogia-mistagogia de Jesus é positivamente transformadora. Como diz Maria da Glória de Rosa, ainda que o cristianismo seja marcadamente uma “religião”, dele “[...] brotam importantes implicações filosóficas, educacionais e sociais”<sup>19</sup>. Ou, como afirma Franco Cambi, na mensagem projetada por Jesus há o legado de uma educação cristã “que fala contra os hábitos correntes e quer provocar uma catástrofe interior, uma renovação espiritual, através de uma mensagem que inquieta e que desafia a tradição e a indiferença subjetiva [tal como] a hipocrisia dos fariseus e dos escribas”<sup>20</sup>.

A pedagogia de Jesus interpela o que há de mais humano em nós, e, sendo assim, desconcerta, incomoda: seu “amor cheio de futuro”, isto é, que vê tudo o que somos chamados a ser no “ainda não” de nossas imperfeições; abre horizontes; efetiva uma educação em conscientização,

<sup>18</sup> STEINER, Leonardo Ulrich. Apresentação. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Educação – Pensando o Brasil*, v. 4. Brasília: Edições CNBB, 2017. p. 7.

<sup>19</sup> ROSA, Maria da Glória de. *História da educação através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1971. p. 87.

<sup>20</sup> CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 1999. p. 122-124.



que “[...] é tornar a pessoa consciente, para que se torne sempre mais sujeito de seus sentimentos, pensamentos e ações” (TB, 22). Aquele que estava pronto a apedrejar, por ter diante de si apenas a miséria do outro, tem oportunidade de reconhecer sua própria miserabilidade ao ter diante de si a Misericórdia de Deus: “Quem dentre vós não tiver pecado, atire a primeira pedra” (Jo 8, 7b). E, nessa autoconsciência, está a possibilidade de experimentar uma pequenez interior que é fonte de uma nova grandeza mais íntegra, que humaniza, que disponibiliza a pessoa para a grandeza do outro, de si mesmo e de Deus; experimenta a passagem da “pedagogia das pedras” para a “pedagogia da vida”, da vida plena, abundante, integral. “Quando todos aprendem a complexidade da própria situação em que estão envolvidos, as atitudes e a realidade se transformam” (TB, 21).

Quão educativo é sair do centro, abandonar o foco e deixar que o outro ocupe esse lugar, dando-nos a oportunidade de redirecionar o nosso olhar, a nossa compreensão dos fatos, partindo do “lugar do outro” e não mais da arrogância do nosso centralismo. Quando os fariseus e escribas trazem aquela mulher ao juízo de Jesus, eles se sentem os melhores, os “defensores da moral e dos bons costumes”. Em seguida, jogam o foco sobre Jesus, pois é a Ele que querem pegar na sua armadilha. No entanto, Jesus se afasta, inverte os “lugares de fala”, coloca no centro a mulher, enquanto pessoa humana, merecedora de contemplação, de um olhar benevolente, de compreensão, não obstante o seu pecado. E, é a partir daí que o próprio Jesus dirige suas palavras e atitudes, curva-se ante a miséria humana, tanto a daquela mulher miserável, quanto a daqueles homens acusadores e a todos propõe uma nova pedagogia, uma nova educação que parte da centralidade da vida, da integralidade da pessoa, da busca sincera de compreender o lugar e os condicionamentos do outro, da alteridade em vez do egocentrismo. Qual é nosso “lugar de fala”? Qual é nosso “ponto de partida”? E qual é a vista a partir de nosso ponto? Em qual(is) pedagogia(s) somos educados? Qual é, por fim, a imagem de Jesus que experimentamos e trazemos em nós e em nossa prática?

## 4 Conclusão

Podemos ver na prática de Jesus traços daquelas “constantes educativas”<sup>21</sup> que marcam a *pedagogia de Deus*.

<sup>21</sup> PIKAZA; SILANES, 1988, p. 244.



No agir de Jesus manifesta-se a *gratuidade da iniciativa divina*, quem achava que tinha muito mérito, descobre-se impotente e prepotente. No Mestre, que a todos educa e conduz, há uma nova percepção da vida, vemos uma bondade que não se mede, um transbordamento de graça. Ali vemos, como que por uma brecha especial, o Deus que se revela constantemente à Sua criatura, aproximando-se, cuidando, assumindo a carne sofredora da humanidade, a todos chamando a uma nova possibilidade de “ser o que nos foi dado ser”<sup>22</sup>.

No agir de Jesus manifesta-se a incansável *condescendência de Deus para com a pessoa humana*, pois quem achava que Seu coração estava cheio de polarismo, de ódio por aqueles que estavam prestes a apedrejar aquela mulher, descobre e se incomoda com um Deus que não desiste de ninguém “até o fim” (Jo 13,1). Vemos aí a radicalidade da *pedagogia da encarnação*: diante dela, muitas “pedras” vão ao chão, mesmo as dos corações mais duros, mesmo as pedras dos sepulcros.

No agir de Jesus, por fim, manifesta-se a forma educadora da provocação mística e do quanto habita em nossos corações interrogações existenciais profundas, que manifestam o quanto somos, de fato, capazes de Deus, vocacionados histórica e ontologicamente a ser mais<sup>23</sup>. Pikaza e Silanes chamam isso de *pedagogia de sinais*<sup>24</sup>: as palavras e os gestos de Jesus apontam e realizam nos corações que se abrem à “vida em abundância” (Jo 10,10) que transborda para além de todo sofrimento, no próprio momento dialético do sofrer. “Quem não tiver pecado atire a primeira pedra” (Jo 8,7b).

Ele fala com sabedoria e ensina com amor (Pr 3 1,26), revelando o ser humano ao próprio ser humano na revelação de Seu próprio mistério (GS, 22). Houve aprendizado ali. No meio da *pedagogia das pedras*, uma vez mais transbordou a *pedagogia da vida*, libertadora, profética, esperançosa, integral e integradora. “Eu também não te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais” (Jo 8,11).

## Referências

AGOSTINHO DE HIPONA. *Confissões*. Tradução Maria Luiza J. Amaranter. São Paulo: Paulus, 1997.

<sup>22</sup> STEINER, 2017, p. 7.

<sup>23</sup> FREIRE, 2020; FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

<sup>24</sup> PIKAZA; SILANES, 1988, p. 244.



AZEVEDO, Walmor Oliveira de *et al.* Apresentação. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Campanha da Fraternidade 2022: texto-base*. Brasília: Edições CNBB, 2021.

BENTO XVI. *Deus caritas est: sobre o amor cristão* (25 dez. 2005). Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html). Acesso em: 28 set. 2021.

BÍBLIA SAGRADA. 1. ed. Tradução Oficial da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 1999.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Campanha da Fraternidade 2022: texto-base*. Brasília: Edições CNBB, 2021.

FRANCISCO. *Pacto educativo global: instrumentum laboris*. Disponível em: <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/instrumentum-laboris-pt.pdf>. Acesso em: 28 set. 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 75. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MESSIAS, Elvis Rezende. Filosofia da Educação e dignidade integral da pessoa: questões fundamentais e diálogos interdisciplinares. In: MESSIAS, Elvis Rezende; DINIZ, Cássio (org.). *Dignidade humana e educação: contribuições interdisciplinares*. Porto Alegre: Fi, 2021.

PIKAZA, Xabier. SILANES, Nereo. *Dicionário teológico: o Deus cristão*. Tradução de I. F. L. Ferreira, Honório Dalbosco e equipe. São Paulo: Paulus, 1988. (Série Dicionários).

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da doutrina social da Igreja*. Tradução da CNBB. São Paulo: Paulinas, 2005.

ROSA, Maria da Glória de. *História da educação através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1971.



SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. Tradução de Dom Marcos Barbosa. 1. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2016.

SANTA SÉ. *Catecismo da Igreja Católica*. Edição típica vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

STEINER, Leonardo Ulrich. Apresentação. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Educação – Pensando o Brasil*, v. 4. Brasília: Edições CNBB, 2017.

VATICANO II. *Gaudium et Spes*: constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html). Acesso em: 28 set. 2021.